

PEDAGOGINGA: PROCESSOS EDUCATIVOS E LUTA ANTIRRACISTA A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO – BELÉM-PA

ALESSANDRA FERREIRAS MARINHO

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil

JOÃO COLARES DA MOTA NETO

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil

RESUMO: Este artigo é fruto de uma pesquisa de Mestrado em Educação que analisou os processos educativos da Capoeira Angola, a partir das vivências da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, em Belém-Pa. Objetivamos, assim, compreender como os processos educativos dessa manifestação possibilitam aos sujeitos aprendizes a construção de saberes e atitudes de resistência às colonialidades e sua contribuição à luta antirracista, configurando-se numa pedagogia decolonial. Este trabalho tem como base teórico-metodológica a investigação-ação participativa e os estudos decoloniais e afrocentrados. Como resultados, identificamos nos processos educativos da capoeira angola uma pedagogia ancorada na cosmovisão africana, que se contrapõe às colonialidades, problematizando-as e fazendo das resistências incorporadas nessa manifestação estratégias de luta antirracista e transformação social, a pedagoginga.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira Angola; Decolonialidade Processos Educativos; Pedagoginga.

INICIANDO O JOGO

lê!
Capoeira é uma arte
Que o negro inventou
Foi na briga de duas zebras
Que o N'golo se criou
Chegando aqui no Brasil
Capoeira se chamou
Ginga e dança que era arte
Em arma se transformou
Para libertar o negro
da senzala do senhor
Hoje aprendo essa cultura
para me conscientizar
Agradeço ao Pai Ogum
A força dos Orixás,
camará...

A ladainha de domínio público transmite a energia que incorpora corpos encapoeirados para compor versos, narrando histórias que não nos foram contadas ou

que apenas eram contadas pelas vozes dos colonizadores. Contudo, “nas voltas que o mundo deu e nas voltas que o mundo dá¹”, vozes ecoaram por aqueles que não só pesquisam, mas que também vivenciam a capoeira em seu cotidiano, coadunando com a imensidão dessa manifestação que, nas palavras de Mestre Pastinha², o “seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”. Nesse sentido, trazemos para o jogo, a capoeira, essa manifestação afro-diaspórica, a partir dos valores e princípios da cosmovisão africana e não de uma transferência dos regimes nativos do continente africano (Oliveira, 2007). Sendo assim, são os aspectos civilizatórios africanos que são basilares, por meio da historicidade da população negra, dos seus movimentos de lutas e dos seus feitos heroicos, na construção da identidade afro brasileira e amazônica.

Nesses termos, construir uma pesquisa coletiva a partir de homens, mulheres, jovens e crianças praticantes de capoeira angola, no território amazônico periférico de Belém do Pará, implica em compreender processos educativos insurgentes e múltiplos que se dissociam de uma educação neutra, pois não separa corpo e mente e demarca os recortes de raça, classe, gênero e sexualidade em constantes conflitos e negociações que permitem a essa manifestação reexistir, há séculos, em diversos períodos e territórios.

Desse modo, esse artigo, fruto de uma dissertação de Mestrado em Educação, analisa os processos educativos na capoeira angola, a partir da vivência da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará. A pesquisa tem como perspectiva teórico-metodológica a investigação-ação participativa e os estudos decoloniais e afrocentrados. Assim, o estudo evidenciou, por meio dos processos educativos da capoeira angola vivenciados no grupo, uma pedagogia ancorada na cosmovisão africana, que se contrapõe às colonialidades. Chamamos essa pedagogia de pedagogia, presentificada pelos saberes afro-diaspóricos, os quais não se limitam apenas em aprendizados de destrezas corporais, mas também em qualificar os sujeitos, por meio dessa manifestação, a compreenderem criticamente a realidade de um território amazônico e periférico, de forma holística, e a enfrentarem as colonialidades impostas.

MINHA CASA É DE ANGOLA

Este estudo, como já citado, debruça-se sobre os processos educativos da capoeira angola como uma pedagogia decolonial. Nesse caminhar faremos um breve trilhar pela história da capoeira para melhor compreender como esta prática vem há séculos resistindo às imposições do colonialismo e das colonialidades.

A respeito de sua origem, as pesquisas não trazem uma exatidão, havendo associações tanto à origem indígena, por analogia à palavra tupi “caá-pueira” (Rego, 1968), como, sobretudo, aos povos africanos, por rituais que aconteciam nesse continente. Não há precisão de quando o termo passa a referenciar o jogo de capoeira, mas advém do que antes era alcunhado por várias expressões, como de “Dança de angola”, “Jogo de angola”, “Brincadeira de angola”, o que pode ter ocorrido desde a chegada dos primeiros povos bantus ao Brasil (Caneiro, 1981; Reis e Silva, 1989).

Valdemar Oliveira (1985), traz como hipótese a inspiração em algumas danças rituais realizadas na região sudoeste da África, habitada sobretudo pelos *bantus*, como a dança do Ngolo ou dança da zebra, motivo pelo qual muitos grupos usam duas zebra como símbolo.

Igualmente, mediante ao tráfico de sujeitos escravizados em que pessoas de várias regiões do continente africano foram desagregadas dos seus elos familiares, a capoeira no Brasil funcionou como um elemento agregador. Muniz Sodré (2002) destaca que, discutir a origem da capoeira, nessa perspectiva, seria uma falsa polêmica, pois o que é de maior importância é a matriz do saber fundamentada nos princípios e nos saberes africanos. Ainda ressaltando a importância do saber, Araújo (2004), coloca o ensino e aprendizagem como lugar concretizador das diferenças. Logo, o que se faz relevante é apontar a origem da capoeira não apenas como um resultado da diáspora negra ou como um desdobramento das manifestações já expressas em África, mas como uma práxis pedagógica própria que possibilita pensar a presença dos africanos e seus descendentes no Brasil.

Nesse trilhar, é salutar contextualizar que, até as primeiras décadas do século XX, a capoeira não se organizava por grupos, academias e uniformes; ela ocorria nas ruas das grandes capitais, de maneira lúdica, em meio às relações de trabalho. Na maioria das vezes, em forma de luta pela existência, momento no qual vive um intenso processo de repressão, fruto do colonialismo e da busca da higienização social, sustentada por teorias e movimentos racistas que propunham uma “limpeza racial” na sociedade e fundamentado pelo decreto 847, de 11 de outubro de 1890, com o título “Dos vadios e capoeiras” que tornou, à época, a capoeira uma prática crime. Além do discurso da “limpeza racial”, outro projeto político que buscou apagar a presença negra foi o mito da democracia racial (Fernandes, 1972), cujo discurso se ajustava à ideia da mestiçagem como sinônimo de convivência harmoniosa entre brancos, negros e índios. Para Munanga (2005) até hoje carregamos estruturas mentais herdadas do mito da democracia racial, que causaram um grande atraso nos nossos processos formativos.

Mergulhada na resistência, mesmo mediante a tentativas de negação e apagamentos, a capoeira está presente na Amazônia Paraense, desde o século XIX. Vicente Salles, no livro “A defesa pessoal do negro – A capoeira no Pará” (2004), resalta que a capoeira existiu e se justificou no passado entre interesses políticos e os brincantes do boi – bumbá. O autor ainda afirma: “os negros não só aprimoraram sua técnica, como ampliaram seus recursos de agressão ou de defesa, incluindo navalhas, facas, paus ou cacetes. Estes últimos instrumentos foram tomados do opressor.” (Salles, 2004, p. 114). Outro autor que trouxe importantes contribuições sobre a capoeira no Pará foi Leal (2008) por meios de ocorrências policiais no período republicano. Dentre os estilos de capoeira presentes no contexto amazônico, atualmente, a Capoeira Angola tem seu início pelos meados da década de 1990 (Teixeira, 2010), com destaque para dois grupos: o “Angola Dobrada”, na responsabilidade do mestre Índio de Belo Horizonte, e por meio do NUCAAL (Núcleo de Capoeira Arte e Liberdade), que funcionava na Universidade Federal do Pará. Este não possuía relação direta com nenhum mestre, mas trouxe alguns mestres de outras capitais para Belém.

Nesse trilhar, esta pesquisa traz a experiência da “Associação Cultural Eu Sou Angoleiro”, coordenada pelo Contramestre Edimar Silva e com sua sede em Belo Horizonte, fundada por Mestre João Angoleiro. Em Belém, desenvolve suas atividades

com crianças e adolescente, em sua maioria negras, na comunidade da Terra Firme, um bairro periférico que pouco possui espaços de cultura e lazer, porém apresenta uma diversidade de projetos culturais, frutos da história de luta e ocupação do próprio bairro, o qual, em oposição ao seu nome, foi inicialmente aterrado com lixo e tem em seus arredores duas Universidades Federais e três outras instituições de pesquisa, embora as mesmas pouco dialoguem com o território. As atividades desenvolvidas pelo “Eu Sou Angoleiro” remontam ao ano de 2013 e constituem um trabalho totalmente autônomo, articulado apenas com organizações e atores da comunidade como a Associação Cultural Boi Marronzinho, a Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle que cede o espaço para os treinos, entre outros movimentos sociais e culturais do bairro.

O Eu Sou Angoleiro, firmado na periferia, trabalha além dos elementos que fundamentam a Capoeira Angola - ancestralidade, oralidade, ritualidade, memória coletiva e pertença comunitária, outros temas, a exemplo, da história dessa prática cultural e a reflexão sobre a realidade das periferias no Brasil e, sobretudo, na Amazônia, como: a falta de saneamento, o desmonte da educação pública, o desemprego, o racismo, o racismo ambiental, o extermínio da juventude negra, além dos casos recorrentes de machismo e feminicídio. Consideramos, assim, que a Capoeira Angola, ainda hoje, por meio de seus processos educativos múltiplos e como uma manifestação do povo negro, nos subsidia para enfrentarmos essas ausências e violências agenciadas pelo Estado e pela matriz colonial, além de promover pertença comunitária em seus participantes.

A partir desses processos de resistência desenvolvidos na Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, assim como outras pesquisas que já foram realizadas no campo da Capoeira Angola, as quais também se firmam como práticas educativas e de resistência é que apontamos esta prática como uma manifestação da cultura popular afro-diaspórica em que está expressa a decolonialidade, pois, como expresso por Mignolo (2008, p. 258), “La genealogía del pensamiento de-colonial es planetaria y no se limita a individuos, sino que se incorpora en movimientos sociales”, ou seja, a decolonialidade está, sobretudo, nas lutas advindas dos processos de descontentamento com a violência imposta pelo colonialismo e mantida no sistema-mundo moderno/colonial/capitalista/cristão. Ainda nessa perspectiva, Walsh (2014) coaduna que as pedagogias decolônias por meio das ações coletivas causam fissuras da ordem moderno/colonial, as quais possibilitam um modo distinto, inteiramente outro, de estar no e com o mundo.

PEDAGOGIA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS QUE GINGAM ENTRE AS FISSURAS DO SISTEMA-MUNDO

Para a compreensão do estudo, debruçamo-nos no desafio de conectar perspectivas teórico-metodológicas que definiremos como subversivos: a investigação-participativa - IAP, tendo como referência Orlando Farls Borda, um intelectual colombiano sentipensante que unificou os conhecimentos críticos da realidade, processos de educação popular e processos de transformação social na luta por uma sociedade livre e emancipada, em aliança aos estudos decolônias baseados nos autores

da rede modernidade/colonialidade, aos estudos africanistas, além dos estudos já realizados sobre capoeira angola e educação. Assim, os processos educativos compartilhados e discutidos aqui ancoraram-se na Investigação-Ação Participativa, como um processo vivencial, baseado na práxis e que rompe com a base positivista dicotômica entre o sujeito e o objeto. Fals Borda (1985, p. 182), definiu a IAP como “un método de estudio y acción que va al paso con una filosofía altruista de la vida para obtener resultados útiles y confiables en el mejoramiento de situaciones colectivas, sobre todo para las clases populares”. Nesse sentido, situações partilhadas de formas afetuosas geram sentimentos de pertencimentos e ações coletivas anticoloniais, antirracistas e anticapitalista.

Em confluência com as bases teórico-metodológicas assinaladas neste trabalho, as quais demarcamos como subversivas, apontamos que nos processos educativos da Capoeira Angola há uma pedagogia decolonial que qualifica os sujeitos a enfrentar a colonialidade: a pedagogia. Termo que, *a priori*, foi cunhado por Rosa (2013) para pensar uma prática pedagógica que reflitisse as relações de ensino e aprendizagem ligadas a um movimento social educativo e às nossas memórias e tradições. Desse modo, a pedagogia não se configura num conceito fechado, mas em processos educativos que movem a cultura negra e refletem as questões de desigualdades raciais e sociais no Brasil.

É importante salientar que as pedagogias decoloniais não surgem agora, embora o conceito seja recente, mas está firmada nos saberes/fazer dos povos originários, nos movimentos políticos/sociais/culturais de resistências já registrados por outros autores, a exemplo de Paulo Freire, com destaque para as obras *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Pedagogia da Esperança* (2000). Pedagogias que insurgem do povo para o povo, que provocam processos crítico-reflexivos e de transformação social. Nesse construto, os processos educativos da capoeira angola, historicamente, alinham-se a um projeto decolonial que corrobora, com “pedagogias que se esforcem por transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônica-espiritual que foi e é – estratégica fim e resultado do poder da colonialidade; isto é, “pedagogias de-coloniais” Walsh (2009, p.27).

Pedagogias decoloniais que, como salientado por Mota Neto (2016), requerem educadores subversivos, críticos e questionadores. Elas se baseiam em epistemologias contra-hegemônicas, enraizadas nas cosmovisões dos povos originários que historicamente resistiram ao colonialismo e continuam resistindo à modernidade/colonialidade e ao capitalismo. Essas pedagogias provocam fissuras nesses sistemas, partem dos contextos e memórias coletivas, rompem com negações epistemológicas e exploram as lacunas das histórias não contadas. Elas visam transformações sociais, por meio de fissuras no sistema, promovendo uma educação humanizadora, sentipensante e amorosa.

Nesse caminhar, é importante referenciar outras perspectivas filosóficas e teórico-metodológicas assentadas na cosmovisão africana, que pelo seu caráter subversivo, assinalam-se como pedagogias decoloniais e que coadunam com esse estudo, como as pesquisas traçadas por Oliveira (2007), que baliza a ancestralidade como um dos princípios fundamentais da capoeira angola, uma filosofia assentada na cosmovisão africana e que se potencializa na resistência. Aliançada a referenciais teórico-metodológicos outros, apontamos ainda a Pretagogia (Petit, 2015), como

contribuição à lei 10.639/2003 para pensar sobre a formação de professores a partir de um pertencimento afro ancestral. E, ainda, a obra “Pedagoginga, autonomia e mocambagem” (Rosa, 2019) a partir da experiência de oficinas desenvolvidas para o ensino da história e da cultura afro-brasileira, comprometida com as africanidades, nas periferias de São Paulo. Nessa obra, a pedagoginga é pensada como movimento social educativo, “a miragem da Pedagoginga é firmar no fortalecimento de um movimento social educativo que conjugue o que é simbólico e o que é pra encher a barriga” (Rosa, 2019, p. 25).

Como já supracitado, para além de um conceito ou um método fechado, o autor evoca uma amplitude de ações, de movimentos, formas de pensar criticamente sobre o racismo e as desigualdades sociais ainda perpetuadas em terras brasileiras e que tanto se servem das manifestações culturais afro-brasileiras para “vender” a ideia de um país tropical, de um povo alegre e harmônico, mas que segue ignorando as estatísticas de opressão e violência que atingem o povo negro. Assim, o autor ainda questiona as armadilhas que certo multiculturalismo impõe à população negra e periférica com uma pseudo exaltação cultural que em nada problematiza as contradições impostas cotidianamente. Por entrecruzos e caminhos subversivos, uma proposta outra foi a Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2018), uma pedagogia encarnada pelas potências do orixá, que tece um balaio de múltiplos conceitos que confrontam a arrogância e a primazia dos modos edificados pela lógica colonial. Pedagogia que opera nos limites, nos vazios deixados pela narrativa única da colonialidade/modernidade.

Corroborando com propostas de pesquisa que se contraponham à colonialidade, concebemos a pedagoginga como uma pedagogia decolonial, orientada por uma perspectiva assentada nos fundamentos da filosofia africana, articulada com os elementos ritualísticos da Capoeira Angola e da cosmovisão africana: a ancestralidade, a tradição oral, a corporeidade, a ritualidade, a memória coletiva e a pertença comunitária. Tais elementos engendram nos sujeitos e na comunidade que dela compartilham processos educativos que visam superar e lutar contra a colonidade/modernidade e o capitalismo. Luta essa que se corporifica no campo existencial, simbólico e organizacional, no existir e reexistir de sujeitos pertencentes a uma comunidade negra e periférica que cotidianamente enfrenta os “descuidos” do Estado, seus atos racistas, machistas e homofóbicos e o epistemicídio. Além de solidificarem uma pedagogia centrada na ginga, a qual representa a capacidade de diálogo com o eu interior e com o outro, a esquiwa das mazelas impostas, as fissuras, o movimento principal do jogo que se centra em perguntas e respostas, em que tudo se reinicia, traduzindo na dialética da inversão da ordem, do corpo que se inverte, da mão e cabeça que tocam o chão e reverenciam a terra.

A pedagoginga, diferentemente da perspectiva eurocêntrica, é movida por outras racionalidades e apresenta processos educativos baseados na observação, na escuta, na criatividade, na autonomia e na coletividade, presentes no jogo dois a dois, na musicalidade, na roda. Tais elementos não se dão de forma linear, com tempos estabelecidos, mas estão envolvidos em todo o processo que baseia a Capoeira Angola nos fundamentos supracitados de cosmovisão africana, aliançadas ao questionamento das batalhas cotidianas e reais que seus praticantes, sobretudo na realidade do Eu Sou

MARINHO, A. F.; MOTA NETO, J. C. da.

Angoleiro na Amazônia Paraense, vivenciam para que os mesmos possam, por meio desse alimento do corpo e da alma, combater as colonialidades impostas.

Assim, a pesquisa de mestrado, orientada pela Investigação-Ação Participativa, mobilizou as vivências cotidianas da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, no período de fevereiro de 2019 a agosto de 2021, englobando os treinos semanais, as rodas de conversa ao final dos treinos, as reuniões para organização das atividades do grupo, os dias de roda, a leitura dos jogos, cine debates, reuniões de articulação com outros grupos da comunidade da Terra Firme para mobilizações sociais. A partir disso, foram fomentadas rodas dialógicas com três adolescentes: Maria Beatriz, Lucas Barbosa e Marcos Paulo e entrevistas semiestruturadas com seis lideranças e duas mães: Rosemary Alves e Elizete Barbosa. Neste artigo, traremos como recorte os relatos das mães e dos adolescentes por demarcarmos como os processos educativos no Eu Sou Angoleiro possibilitam aos sujeitos aprendizes a construção de saberes e atitudes de resistência ao racismo. Salientamos que a pesquisa foi atravessada pela pandemia da Covid - 19, o que nos desafiou ainda mais a construir uma pesquisa baseada na solidariedade, a várias mãos e vozes, protagonizada por aqueles e aquelas que constroem cotidianamente a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro na comunidade.

PROCESSOS EDUCATIVOS E LUTA ANTIRRACISTA COMO INSTRUMENTO DE COMBATE ÀS COLONIALIDADES

Vou vencer essa batalha com ajuda de Xangô
Peço licença à vovó, peço licença à vovó.
(Mestre Moraes).

O trecho da ladainha de mestre Moraes evidencia Xangô, orixá da justiça, para nos ajudar a vencer as batalhas. O que coaduna com o que já apontamos e analisamos neste trabalho, a Capoeira Angola historicamente um instrumento de resistência às colonialidades. Contudo, queremos destacar entre seus processos educativos a luta antirracista nas vivências do Eu Sou Angoleiro com base na pedagogia a partir de alguns relatos, especialmente, das mães e dos adolescentes que definiram a importância da capoeira em seu cotidiano.

D. Rosa (Rosemary Alves) e Elizete, mães, trabalhadoras e ao seu modo integrantes do grupo, compartilharam em suas narrativas como os processos formativos no Eu Sou Angoleiro imprimiram em seus corpos negros uma descolonização do poder, do saber e do ser e as armaram para se defender e lutar contra o racismo, nos possibilitando questionar o quanto a racionalidade hegemônica silenciou e negou os saberes e o protagonismo dessas mulheres.

Depois que o Lucas começou a participar na capoeira sim, ele sim, hoje, ele sabe se defender. É assim, se vem alguma pessoa que faz bullying com ele, até mesmo eu aprendi na capoeira nas rodas de conversa ele também, um pouquinho ele já sabe se defender assim através da capoeira na roda de capoeira assim como tem nas conversas e tudo e tal eu também, hoje eu sei me defender quando alguém vim para cima com racismo alguma coisa assim porque eu aprendi também na roda de capoeira por isso que eu sempre estou

aqui estou para aprender muito mais (Elizete Barbosa, em entrevista concedida em julho de 2021).

Nas palavras de Elizete, a qual não somente levava o Lucas para a capoeira, mas que também treinava, as vivências no Eu Sou Angoleiro os possibilitaram aprender a defender-se. Refletimos quando ela diz “até mesmo eu aprendi”, por ser uma mulher preta, vinda do Estado do Maranhão e no momento da entrevista com 42 anos, o quanto o racismo esteve e está presente em sua vida.

Quijano (2005) aponta que a criação do novo padrão mundial de poder capitalista/moderno/eurocêntrico nas Américas fundamentou-se a partir da ideia de raça, que para o autor é “uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (Quijano, 2005, p. 117). Assim, o racismo na vida de mulheres e crianças periféricas no território amazônico concretiza essa colonização do ser. Nesse mesmo trilhar, D. Rosa relata sobre suas vivências na capoeira como um ambiente de fortalecimento:

já tá esse tempinho, foi muito bom para conhecer as pessoas e até a forma que tinha assim, eu era muito calada, assim me sentia prejudicada, mas não falava nada e através da capoeira, os problemas que eu tive com a Beatriz, eu me senti muito acolhida (Rosemary Alves em entrevista concedida em julho de 2021).

Esse acolhimento a que se refere D. Rosa é sobre uma situação de racismo vivenciada por Beatriz, sua filha, na escola em 2017.

na escola tinha a questão do racismo, posso citar assim, tinha uma aluna só porque ela era branquinha, cabelo liso, não chamava o nome dela e sim dizia que ela era cocô e aquilo eu fui né, E ela: mãe mãe, não, eu vou procurar meus direitos, aí fui conversei com a mãe, com o pai dela e disse que se ele não tomar as devidas providências eu ia procurar meus direitos e ele disse não maizinha, não precisa, que eu vou conversar com ela e tinha dia que ela dizia que ela não queria ir e aí essa situação. E eu disse: Negativo, cê não vai baixar a cabeça, cê precisa reagir, porque isso aqui não vai ser a primeira, nem a última vez porque a tendência é... nem todo mundo tem o mesmo pensamento cada um tem o seu pensamento né, e vai de cada um que reflete dentro de casa, ela só fazia trazer pra escola o que via dentro de casa né, porque eu creio que era assim e ficou resolvido [...] aí quando a gente chegou na capoeira que a gente falou a respeito, aí ela disse: não mãe não fala. Aí eu disse, não, porque a gente falando é a forma que a gente tem diii, comé que se diz, de soltar o que tava preso, que tava angustiando, aí quando eu falei, aí veio todo mundo falando, aí veio no final deu o abraço coletivo, assim eu me senti tão bem, assim: eu não estou sozinha, né, eu não estou sozinha e agradeço muito vocês, de coração (Rosemary Alves em entrevista concedida em julho de 2021).

Diferente da objetividade e da frieza que determina a ciência eurocêntrica, a conversa com D. Rosa estava cheia de lágrimas, como uma vivenciadora da capoeira e uma pesquisadora sentipensante, o que para Fals Borda (2015, p. 317), “sintetiza a proposta da Investigação-Ação participativa”. Quanta força e quantos saberes foram movidos por essa mãe preta para agir diante do racismo sofrido pela filha! A mesma precisou questionar a escola, a qual tratou a questão apenas como um caso de bullying. Assim, em uma situação ocorrida dentro do ambiente escolar, ergueu a voz para falar de seus direitos e ainda para fortalecer a filha que não queria mais ir à escola. Em relações de fortalecimento, levou a questão ao “Eu Sou Angoleiro”, onde se sentia acolhida e então refletiu “eu não estou só”.

O relato de uma mãe enfrentando racismo na escola de sua filha revela a persistência de questões raciais em um ambiente que deveria ser inclusivo e acolhedor. A história da menina, apelidada de “cocô” por sua aparência, destaca como o racismo ainda está presente nas instituições educativas, apesar das muitas lutas e conquistas dos movimentos negros. Nilma Lino Gomes (2019), em suas obras, enfatiza que a escola é um espaço onde se desenrolam batalhas importantes pela igualdade racial, fruto da luta dos movimentos sociais. A educação escolar é uma conquista central dos movimentos negros, um local onde a resistência ao racismo é continuamente necessária. Contudo, o racismo relatado ilustra como essas questões ainda demandam atenção, ação e a necessidade de uma descolonização do currículo e conhecimentos (Gomes, 2012).

Nesse sentido, espaços de educação vivencial, como o “Eu Sou Angoleiro”, oferecem práticas educativas insurgentes, pois nessas iniciativas, a educação vai além dos conteúdos formais e abrange a formação emancipatória e política do sujeito. Ao abordar o racismo de forma aberta e coletiva, D. Rosa remete a um sentimento de pertença comunitária, pois tomou aquele espaço como ambiente de acolhimento e fortalecimento. Desse modo, a capoeira angola, por meio das vivências do Eu Sou Angoleiro, estabelece-se enquanto um quilombo, uma família. E essa relação com as famílias é uma das fortalezas que traz esse trabalho, coordenado pelo contramestre Edimar, mas que é de uma atuação coletiva juntamente com os demais treineis, perceptível pelo pronome “vocês” repetido nas falas de D. Rosa.

D. Rosa também relatou que todos os seus filhos já vivenciaram situações de racismo. Sua filha mais velha, Maria Nayara, que também chegou a frequentar a capoeira, no seu primeiro dia na escola do ensino médio foi chamada de “cabelo de bombril”. Marcos Vinicius, que também deixou a capoeira recentemente, sempre que sofria ataques racistas, dizia logo que era capoeirista, como instrumento de defesa.

As crianças e os adolescentes têm um processo de internalização dos saberes em temporalidades diferenciadas. Sabemos que sofrer racismo chega a ser uma descoberta tardia para alguns, dado o fato de vivermos em um país que ainda tenta habituar-se sob a égide de uma democracia racial, principalmente no contexto político que vivíamos à época da pesquisa, com um presidente que negava as pautas das mulheres, dos negros, da população LGBTQIA+. Nesse contexto, os adolescentes, os quais chegaram à capoeira ainda crianças, e estavam há sete anos construindo o trabalho do Eu Sou Angoleiro, são conscientes do racismo que vivem e tem na Capoeira Angola uma arma de consciência e luta, a qual eles transmitem por meio de falas, de brincadeiras, de atitude, na escolha dos corridos³ que os representam.

Para tal afirmação, além do convívio cotidiano, foi realizada juntamente com outros integrantes adultos do grupo uma roda de diálogos em que inicialmente pedimos que os adolescentes Lucas Barbosa, Marcos Paulo e Maria Beatriz se apresentassem e dissessem: Por que eles gostam de ir para a Capoeira Angola?

Bia: Rsr, bom eu acho que é mais pelos instrumentos, dos ensinamentos que a gente tem, porque não é só movimentação, tem toda uma história por trás disso, dos nossos antepassados (Maria Beatriz, roda dialógica em agosto de 2021).

Lucas: gosto daqui, porque na escola tem a questão do bullying, aqui é muito mais família, mais acolhedor, lá tem a bagunça, aqui também tem, mas é uma bagunça mais controlada (Lucas Barbosa, roda dialógica agosto de 2021).

Paulo: Gosto do treino e da roda, porque lá eu posso gastar minha energia. Eu também sofria bullying, tanto que em alguns momentos eu já até parti pra violência, mas a mamãe falou que era errado e tanto que no dia seguinte, o menino queria me bater e aí com os movimentos da capoeira ele não conseguiu me bater (Marcos Paulo, roda dialógica em agosto de 2021).

Cada um e cada uma, a sua maneira, relacionou como as vivências no Eu Sou Angoleiro os fortalecem. O bullying, a nosso ver, aparece como um escamoteamento do racismo, e é recorrente nas suas vivências fora do ambiente da capoeira. Por isso, Lucas sente, diferente da escola, o espaço da capoeira como “mais família”, que dentro dos princípios da cosmovisão africana está embasada na pertença comunitária. Bia destaca a história dos antepassados, da ancestralidade, da recuperação histórica, também um sentimento de pertença ao saber de onde viemos. Paulo, a quem também chamamos carinhosamente de mestre criança, traz uma história muito semelhante a de mestre Pastinha, ao falar de um conflito com um colega na escola.

Paulo: Bom é que ele quis me dar um chute, aí eu fiz a negativa. E depois que ele não conseguiu me bater, nós pedimos desculpa e nos tornamos amigos.

Explicamos que a história que ele contava se parecia com a de Mestre Pastinha, que apanhava de um menino mais velho, até que um africano por nome Benedito o chamou e disse que iria ensiná-lo capoeira e ele nunca mais apanharia. Paulo ficou muito entusiasmado.

Desse modo, Bia, Lucas e Paulo movem saberes outros, os quais não têm a escola formal como referência, pois essa ainda tem como base saberes eurocêntricos. Logo, identificam na Capoeira Angola essa alternativa a uma colonialidade do saber, movida pela pedagogia, a partir de lutas e enfrentamentos, mas também nutrindo saberes em si e nos outros. Nesse trilhar, Mota Neto (2016, p. 94), ao citar Lander (2001), ratifica que “essas vertentes alternativas do pensamento social têm sido elaboradas a partir das margens, na defesa das formas ancestrais do conhecer, na resistência cultural, ou associadas a lutas políticas e/ou processos de mobilização popular”.

O ENFRENTAMENTO AO RACISMO RELIGIOSO NAS VIVÊNCIAS DO EU SOU ANGOLEIRO

Vivemos em um país dominado pela religiosidade cristã, que foi imposta aos povos originários e negros desde a invasão colonial, numa relação dicotômica que demonizava a religião do outro como pagã e seus praticantes como povos sem alma, objetificados, coisificados e animalizados, relacionando a “salvação” e o “bem” sempre à aceitação do cristianismo. Nesse processo, a capoeira, como já destacado por Araújo (2004), não consiste em uma religião, mas traz em si um pertencimento afro-religioso por uma ligação de símbolos comuns, a exemplo dos três berimbaus e os três atabaques, a musicalidade, que traz a referência aos orixás, a corporeidade movente, entre tantos outros elementos que rememoram a África. Portanto, em uma sociedade que nega o outro e que tem como hegemônica a religião judaico-cristã, os praticantes da Capoeira também enfrentam o racismo religioso.

Situação experienciada, segundo D. Rosa, pelos seus dois filhos mais velhos, os quais deixaram de frequentar a capoeira, pois tiveram que escolher entre permanecer na capoeira ou serem publicadores⁴ da congregação Testemunha de Jeová, pois para a igreja a capoeira é símbolo de violência.

A Nayara como ela como é ela se tornou publicadora, ela parou, por isso que ela parou, porque eles disseram que os movimentos da capoeira geram violência, então por isso também, mas todo mundo respeita por causa de uma ele não tem esse negócio chegar: ah, porque tu precisas não, o tempo de cada um, aí ela decidiu se você vai deixar, mas eu faço capoeira. Aí eles disseram: você vai decidir se você quer seguir, você tem que parar de fazer a capoeira. E assim mesmo o Vinicius, mas eu quero me tornar publicador, eu disse: que você tem certeza que é isso que você quer? Ele disse sim, pois então você converse com o professor, aí ele saiu do Bandeirante, saiu da capoeira (Rosemary Alves, 2021).

No relato de D. Rosa, a mesma diz que “todo mundo respeita”, contudo observamos que não há um respeito e sim uma imposição dentro de uma visão moderno/colonial/cristã perpetrada pela igreja que define a capoeira como “violência” e que leva os jovens a escolherem entre estar na igreja ou na capoeira. Nesse sentido, percebem-se as relações colonizadoras de poder aplicadas pela igreja e, como aponta Quijano (2005), para estabelecer o padrão de dominação mundial, os dominantes exerceram diversas estratégias, entre elas, as tentativas de dominação e consequentemente da imposição da religião judaico-cristã, que dicotomiza a vida entre céu e inferno. Encontramo-nos, assim, em ambientes de constantes disputas em que estamos trilhando uma descolonização do saber, mas sofrendo ainda as imposições da colonialidade do poder. Isso nos leva a trazer para o jogo o conceito de colonialidade cosmogônica, trabalhado pela autora Catherine Walsh (2009), cuja ação “pretende anular as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e as da diáspora africana” (Walsh, 2009, p.15).

Dessa forma, nas vivências do Eu Sou Angoleiro deparamo-nos constantemente lutando por uma educação antirracista, antipatriarcal, uma educação outra, que não se

impõe como uma verdade absoluta, mas que permanece gingando nas fissuras da modernidade/colonialidade e da exploração capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Capoeira Angola no contexto amazônico, por meio das vivências do Eu Sou Angoleiro, traz para o campo de análise um entrelace teórico-metodológico entre a perspectiva decolonial, o método crítico-dialético e a investigação-ação participativa, traduzindo-se em uma pedagoging. Por meio da ginga, movimento base da capoeira, manifesta-se em diálogo com a pedagogia decolonial uma constante luta que perpassa pelo existir, (re)existir e ressignificar. Nesse sentido, a pedagoging, nessa pesquisa, não pretendeu ser um conceito ou uma categoria fechada, mas se expressou no diálogo entre os saberes afrocentrados, suleados pelos saberes da Capoeira Angola, com as lutas de combate ao racismo, a conscientização e a transformação social.

Em um caminhar constante, a partir do objetivo proposto, o artigo apontou que a Capoeira Angola, por meio das vivências do Eu Sou Angoleiro, segue cumprido um papel de resistência às colonialidades do poder, do saber, do ser e da colonialidade cosmogônica. Tais resistências presentificam-se pelos saberes repassados através das cantigas, saberes que trazem perspectivas outras de mundo por terem como uma de suas principais linguagens o corpo e sua ligação com a terra e com os elementos da natureza. Em oposição à educação monocultural e eurocêntrica, esta manifestação traz o povo negro como referência, sua história e seus processos de luta e resistência, gerando, nos sujeitos que a praticam, um fortalecimento na luta contra o racismo e outras formas de opressão.

Em gingas, os saberes e processos educativos propagados pelo Eu Sou Angoleiro em Belém-Pa estão permanentemente questionando o racismo presente em nossa sociedade e gera nos sujeitos que dela participam sentimento de pertencimento à cultura e à ancestralidade afro, assim como um fortalecimento para enfrentar os racismos vivenciados. Logo, concluímos que estamos permanentemente em luta contra o viés homogeneizante da sociedade moderna/colonial/capitalista/cristã que, ao exercer o racismo de forma velada ou escancarada, nega e demoniza os saberes emergentes da manifestação da Capoeira Angola, a exemplo de imporem que os adolescentes, para continuarem em uma atividade na igreja monoteísta a qual frequentam, tenham que deixar de praticar a capoeira, usando a violência como uma justificativa fruto do olhar racista sobre as manifestações afro-diaspóricas.

Nesse caminhar, a pedagoging como expressão da pedagogia decolonial potencializa a conexão com várias outras áreas do conhecimento que articulem a educação, as bases afro-centradas, por meio da capoeira angola, sendo de extrema importância que os sujeitos detentores desses saberes estejam em constante diálogo com as escolas, sobretudo das periferias, em busca de trilhar perspectivas outras de conhecimentos a partir da luta dos subalternizados, das mulheres, de negros, de indígenas, de movimentos sociais, em constante resistência à sociedade moderno/colonial/patriarcal/cristã na luta pela afirmação de uma outra educação e outro mundo possível.

MARINHO, A. F.; MOTA NETO, J. C. da.

Artigo recebido em: 29/05/2024
Aprovado para publicação em: 16/08/2024

PEDAGOGINGA: EDUCATIONAL PROCESSES AND ANTI-RACIST STRUGGLE BASED ON THE EXPERIENCES OF THE EU SOU ANGOLEIRO CULTURAL ASSOCIATION – BELÉM-PA.

ABSTRACT: This article is the result of a master's degree research in education that analyzed the educational processes of Capoeira Angola, based on the experiences of the Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, in Belém-Pa. We therefore aim to understand how the educational processes of this manifestation enable learning subjects to construct knowledge and attitudes of resistance to coloniality and the anti-racist struggle, configuring a decolonial pedagogy. This work has as its theoretical-methodological basis participatory action research and decolonial and Afro-centered studies. As results, we identified in the educational processes of capoeira Angola a pedagogy anchored in the African worldview, which opposes colonialities, problematizing them and making the resistance incorporated in this manifestation strategies for anti-racist struggle and social transformation, pedagogy.

KEYWORDS: Capoeira Angola; Decoloniality Educational Processes; Pedagogy.

PEDAGOGÍA: PROCESOS EDUCATIVOS Y LUCHA ANTIRRACISTA A PARTIR DE LAS EXPERIENCIAS DE LA ASSOCIAÇÃO CULTURAL EU SOU ANGOLEIRO – BELÉM-PA

RESUMEN: Este artículo es resultado de una investigación de maestría en educación que analizó los procesos educativos de la Capoeira Angola, a partir de las experiencias de la Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, en Belém-Pa. Por lo tanto, pretendemos comprender cómo los procesos educativos de esta manifestación permiten a los sujetos de aprendizaje construir conocimientos y actitudes de resistencia a la colonialidad y la lucha antirracista, configurando una pedagogía descolonial. Este trabajo tiene como base teórico-metodológica la investigación acción participativa y los estudios descoloniales y afrocéntricos. Como resultados, identificamos en los procesos educativos de capoeira Angola una pedagogía anclada en la cosmovisión africana, que se opone a las colonialidades, problematizándolas y haciendo que la resistencia incorpore en esta manifestación estrategias de lucha antirracista y de transformación social, la pedagogía.

PALABRAS CLAVE: Capoeira Angola; Procesos Educativos de Descolonialidad; Pedagogía.

NOTAS

1 - Trecho de cantiga de domínio público.

2 - Mestre Pastinha ou Vicente Ferreira Pastinha foi um dos mentores da capoeira angola no processo pós saída da capoeira do código penal que orientou um novo processo organizacional para a capoeira.

3 - Na capoeira há três estilos de cantigas: ladainhas, chulas e corridos. Estes últimos são compostos por versos e coros que são constantemente repetidos por todos.

4 - Todos que participam regularmente das atividades da congregação e vão de porta em porta pregando o evangelho.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola**: Cultura popular e o jogo de saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2005.

ARAUJO, R. C. **Iê, Viva meu Mestre: a Capoeira Angola da escola pastiniana´ como práxis educativa**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARNEIRO, E. **Religiões negras/negros bantos**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1981.

FALS BORDA, O. Por la práxis: el problema de como investigar a realidade para transformala. In: FALS BORDA, Orlando e al. **Crítica y política en Ciencias Sociales**: el debate sobre teoría e práctica. Bogotá: Punta de Lanza, 1978.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, F. **O Negro no Mundo dos Brancos**. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 29ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.

GOMES, N. L. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: COSTA, Joaze Bernardino et al. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 223-246

LEAL, L. A. P. **A política de capoeiragem**: A história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (188-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOTA NETO, J. C. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina**: reflexões em torno da obra de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba. CRV, 2016.

MARINHO, A. F.; MOTA NETO, J. C. da.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: MEC- SECAD, 2005.

PETIT, S. H. **Pretagogia**: Pertendimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n2 10.639/03 /. - Fortaleza: EdUECE, 2015.

OLIVEIRA, V. de. **Frevo capoeira e passo**. 2. ed. Recife: Cia Ed de Pernambuco, 1985.

OLIVEIRA, E. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2007

REGO, V. **Capoeira Angola**: ensaio sócio etnográfico. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.

REIS, J. J. e SILVA, E. **Negociações e Conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ROSA, A. S. da. **Imaginário, corpo e caneta**: matriz afro-brasileira em educação de jovens e adultos. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.48.2009.tde-23032010-144503>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23032010-144503/publico/allansantos.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ROSA, A. S. da. **Pedagogia, Autonomia e mocabagem**. São Paulo: Póllen, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

SALLES, V. **A defesa pessoal do Negro** – A capoeira no Pará. O negro na formação da sociedade paraense. Belém: Parakatu, 2004.

SILVA, G. C. e. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as. 2013. 243f. – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

TEIXEIRA, C. P. V. **Nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá**: um estudo sobre ritual e performance na capoeira angola em Belém. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ALESSANDRA FERREIRAS MARINHO: Doutoranda em Educação pelo Programa de pós-graduação em Educação na Amazônia - PGEDA, mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará / PPGED - UEPA, especialista em Educação Para as Relações Étnico-Raciais pelo Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Pará - IFPA (2011) e graduada em letras- língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2006). Pesquisadora da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias decoloniais na Amazônia.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9612-3042>
E-mail: alefm2001@yahoo.com.br

JOÃO COLARES DA MOTA NETO: Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Licenciatura em Pedagogia. Realizou investigações de pós-doutoramento na Universidad de Sevilla e na Universidad de Málaga, Espanha, onde também atuou como professor visitante. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com Doutorado Sanduíche na Universidad Pedagógica Nacional de Colombia. Mestre em Educação e Licenciado em Pedagogia pela UEPA.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3346-1885>
E-mail: joacolares@uepa.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).